

A vida e legado de Mary Andrews

Melissa Querido Batista¹

Introdução

A missão evangélica adventista se inicia com John Andrews, primeiro missionário elegido pela Igreja, que é enviado à Europa em 1874 para pregar e converter pessoas. Antes disso, a Igreja não tinha a propagação do adventismo para outras línguas como prioridade. Os esforços de alcançar outros povos se resumiam em alguns folhetos que eram produzidos em francês, alemão, dinamarquês, sueco e holandês (GORDON, Paul A.; MACLAUGHLIN, 1988). Não seria uma tarefa fácil, visto que não havia nenhum precedente para servir de exemplo, mas John não estaria sozinho. Junto a ele estava um intérprete francês, Adémar Vuilleumier, seu filho Charles e sua filha Mary (VALENTINE, 2019). Visto que o pioneirismo de John Andrews para a disseminação do adventismo é bem documentado e investigado, este artigo procura explorar de maneira biográfica a vida e contribuição de sua filha, Mary Andrews, que tinha apenas 12 anos de idade quando acompanhou seu pai até a Suíça.

Examinar os primeiros anos e infância de Mary Frances Andrews não apenas lança luz sobre sua jornada pessoal, mas também oferece uma perspectiva valiosa sobre as experiências e desafios enfrentados pelos primeiros missionários adventistas do século XIX. A nova realidade que vivenciou na Suíça trouxe consigo desafios linguísticos, financeiros e domésticos. Ainda assim, Mary trabalhou incansavelmente ao lado de sua família para estabelecer uma presença adventista na Europa. O trabalho que desempenhou preparou o caminho e definiu um exemplo de padrões elevados para futuros missionários adventistas.

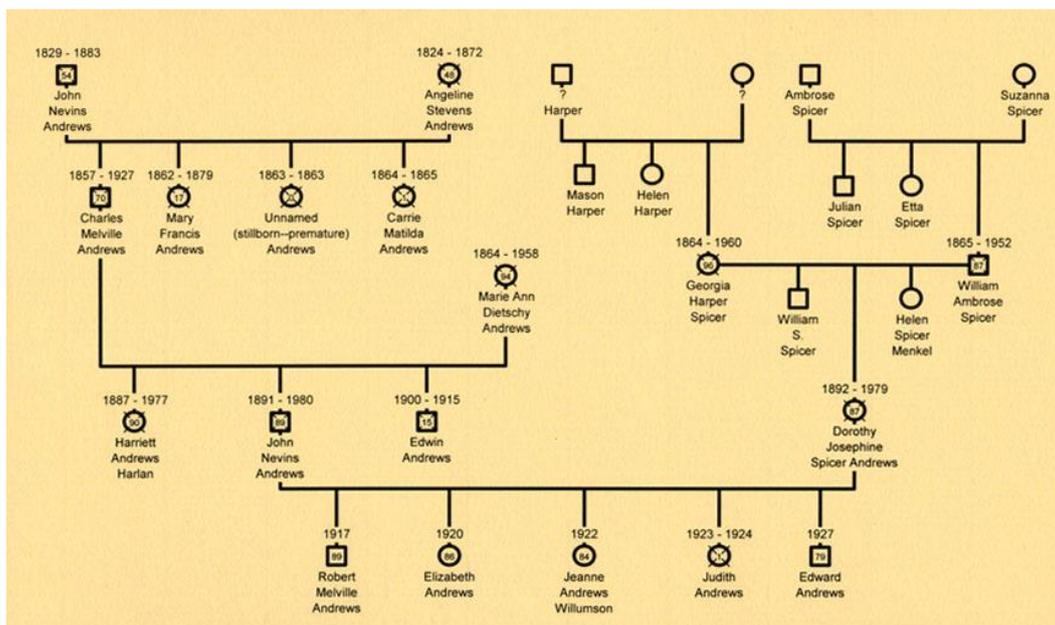
De fato, a vida de Mary Frances Andrews foi definida por seu compromisso com o trabalho missionário. Sua dedicação incansável não apenas a tornou uma figura crucial na expansão da igreja, mas também deixou um legado duradouro de fé e serviço que tem a capacidade de inspirar gerações de missionários adventistas. A divulgação e análise de sua vida é, portanto, de suma importância para a missiologia adventista.

¹ Melissa Querido Batista. Graduanda em Tradutor e Intérprete. Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, Brasil. E-mail: melissa.batista@unasp.edu.br

Primeiros Anos e Infância

Mary Frances Andrews nasceu no dia 29 de setembro de 1861 na área rural de Waukon, Iowa, nos Estados Unidos. Seu pai não passava muito tempo em casa devido a suas incumbências como líder da Igreja Adventista, e havia chegado em casa apenas duas semanas antes de seu nascimento. A presença de John na casa foi benéfica, pois o parto foi complicado, e sua mãe, Angeline, ficou tão debilitada que não foi capaz de sair de casa por três semanas. Andrews cuidou da esposa e de seu outro filho, Charles, de quatro anos, até que ela estivesse totalmente recuperada (VALENTINE, 2019).

No mesmo ano, a família se realocou para a costa leste. Em 17 de fevereiro de 1863, Mary e sua família chegaram em Rochester, Nova York, e ela reencontrou seu pai, o qual ela não via a cerca de nove meses, aos 17 meses de idade. Mary não reagiu bem à mudança de ambiente, com medo dos novos arredores. Mesmo depois de dias, ainda tinha medo de se sentar no colo do pai (GRAYBILL, 1984).



Árvore Genealógica dos Andrews. Fonte: Center for Adventist Research

Em 17 de fevereiro de 1872, a mãe de Mary teve um AVC grave que deixou a parte direita de seu corpo parcialmente paralisada. Toda a família se mobilizou para amparar Angeline, e Mary, com apenas 11 anos de idade e desejando ajudar a mãe de alguma forma, participou de sessões de oração familiares pela vida e melhora de dela. Infelizmente, Angeline morreria, vítima de outro AVC, no dia 19 de março de 1872, aos

48 anos de idade. O evento marcaria profundamente Mary, que perdera a mãe com apenas 10 de idade (GRAYBILL, 1984). Em maio do mesmo ano, a família se muda para North Lancaster, em Massachusetts, por conta da perda recente (SMOOT, 1984).

Mesmo diante do luto pela morte de sua esposa, John precisou voltar para seu trabalho na Igreja. Sem um guardião presente em casa, Mary e Charles foram colocados aos cuidados da família Harris, amigos de John, pelos dois anos seguintes. Em North Lancaster, Mary e seu irmão seriam educados em uma escola próxima à casa dos Harris (VALENTINE, 2019).



A família Andrews em 1863.
Fonte: Center for Adventist Research

A falta de uma figura materna na casa provou ser desafiadora. Nas férias de verão, por exemplo, John Andrews confessou ter dificuldade de preencher o tempo livre de seus filhos. O pai procurou auxiliá-los em seus estudos e ocupá-los com tarefas e atividades construtivas. Assim, enquanto seu irmão trabalhava no campo com alguns fazendeiros, Mary ajudava com as tarefas domésticas. As crianças também tinham a chance de acompanhar o pai ocasionalmente em suas viagens pastorais a Boston às sextas-feiras (VALENTINE, 2019).

Mesmo que John tentasse manter seus filhos fora de problemas, Mary, como qualquer criança, não estava isenta das travessuras comuns de sua idade. Quando menina ela fez amizade com Mary Stratton e Genevieve Hastings. As três meninas se conheceram

em uma reunião campal em South Lancaster e faziam companhia umas às outras nas reuniões da Igreja. Embora não fossem ardeiras, as garotas tomavam parte em conversas e risos típicos de crianças da sua idade, fazendo com que fossem repreendidas por seus pais ocasionalmente. Certa vez em uma reunião, o jantar ainda não havia sido servido, e Mary estava com fome. Como ela sabia onde a comida era guardada, decidiu abrir o recipiente com os biscoitos que seriam servidos após a janta e comer alguns. Stratton e Genevieve, com medo de serem flagradas, observaram Mary mordiscar os biscoitos, deixando-os pela metade no pote. Por sorte, a menina não foi descoberta, e seu “delito” permaneceu impune (HASTINGS, 1921).

Tais relatos esclarecem um pouco o tipo de infância que Mary Andrews teve. Entre o falecimento da mãe e sua dedicação para que ela se recuperasse, as ocupações cotidianas, até as peripécias comuns de uma garota de sua idade, estava uma menina que não sabia que tipo de futuro a esperava. No entanto, conforme Mary alcançou o prelúdio da adolescência, sua vida teria uma reviravolta. Ela se encontraria no meio de um enredo histórico no qual ela desempenharia um papel crucial.

Trabalho Missionário

Em 15 de setembro de 1874, Mary e sua família embarcaram no navio Atlas, que saiu de Boston, Massachusetts, para a Europa quando ela tinha quase 13 anos de idade. Seu pai havia sido escolhido para ser o primeiro missionário a ser enviado para difundir a mensagem da Igreja Adventista, e Mary, juntamente com seu irmão, se juntou a Andrews nesta empreitada. A viagem até o porto na Inglaterra levou 12 dias. Após isso, eles eventualmente se estabeleceriam em La Coudre, Suíça, onde iniciariam a obra missionária (BYERS, 2013).

Ao embarcarem para a Europa, nenhum dos membros da família era fluente nos idiomas falados na Suíça, alemão e francês. O desejo e empenho em ter a capacidade de se comunicar e disseminar a Palavra de Deus era tanto que John chegou a banir o inglês totalmente, exceto das 17:00 às 18:00, no restante das horas sendo permitido apenas o francês e alemão. Mary e Charles não reagiram bem à regra inicialmente, muitas vezes esperando o dia inteiro até a “hora do inglês” para falar o que queriam, passando o resto do dia em silêncio total. Em 24 de dezembro de 1876, os três assinaram um pacto escrito para o uso exclusivo do francês, com a liberdade de usar o alemão quando quisessem (COPIZ, 1984). Além disso, Mary possuía uma cópia do Novo Testamento bilingue, em

inglês e alemão (WHITE, 1976). A menina estudava a Bíblia com frequência, e registrou a data em que a leu na íntegra pela primeira vez em sua última página, 15 de maio de 1875, em Neuchâtel (POUBLAN, 1974). Ela e seu irmão também estudavam a língua francesa com uma tutora incessantemente, exceto aos sábados (BYERS, 2013).

As atividades e constante integração do francês à rotina da família eram estressantes para a jovem. Em uma carta endereçada à sua amiga Genevieve, Mary expressa sua frustração no aprendizado do francês: “Eu queria que você estivesse aqui para aprender francês comigo, embora confesse que não é muito divertido. Estudamos a gramática francesa inúmeras vezes”² (HASTINGS, 1921, p.13, tradução nossa). Mesmo sendo intensa, a estratégia incisiva de Andrews traria resultados para a fluência de Mary ao longo do tempo.



Casa que a família morou em Neuchâtel, Suíça
Fonte: Center for Adventist Research

As dificuldades de Mary não eram apenas de natureza linguística. A vida doméstica que a família levava na Suíça era precária. Por causa da morte de sua mãe, Mary não aprendeu a cozinhar. Suas instruções passadas resumiam-se ao estudo formal. A falta de um cozinheiro competente fez com que a dieta da família se tornasse pobre nutritivamente (ZURCHER, 1984).

² “I wish you were here to learn French with me, though I confess it is not much fun. We have been through the French grammar several times”.

Além de cozinhar, Mary era responsável pela compra de alimentos, limpeza e o restante dos serviços domésticos. Eventualmente, os fundos da família foram se esgotando, o que levou a menina a catar uvas em vinhedos para poder comprar comida. Em 1876 os Andrews se mudaram para a Basileia, em uma casa que contava com uma ajudante doméstica. Essa adição permitiu que Mary auxiliasse mais seu pai na obra editorial. A jovem se tornou tão proficiente no francês que futuramente se tornaria revisora para o *Les Signes des Temps*, a revista missionária que seu pai estava elaborando (BYERS, 2013).



Mary Andrews na adolescência.
Fonte: Center for Adventist Research.

O *Les Signes des Temps* seria a versão francesa do *Signs of the Times*, a revista americana. A editora francesa não contava com muitos colaboradores, portanto, grande parte dos primeiros artigos eram apenas versões traduzidas do inglês para o francês. A revisão do texto francês funcionava da seguinte forma: Charles lia o material, seguido por Mary, o professor Louis Aufranc e, finalmente, John Andrews. Cada um contribuía para a correção do texto, anotando erros gramaticais e ortográficos. O tipógrafo então fazia as correções necessárias e comparava a versão impressa revisada com a corrigida à mão, para que essa passasse pelo mesmo processo, sendo revista por todos outra vez (VALENTINE, 2019).

A dedicação da família seria recompensada. A primeira edição do *Les Signes des Temps*, publicada em julho de 1876, teve um total de 200 cópias. Para a quinta edição,

por outro lado, foi necessário o dobro de cópias para suprir a demanda de assinaturas. Os Andrews trabalhavam juntos para enviar as revistas aos assinantes. Enquanto Charles dobrava, Mary embrulhava e John escrevia os endereços. A editora, no entanto, requeria muito tempo da família. Tanto tempo que, eventualmente, Mary e Charles precisariam deixar seus estudos de lado para priorizar a revista (VALENTINE, 2019).

Últimos Anos

Em 21 de julho, Jennie Ings, que estava cuidando das crianças na ausência de Andrews, envia uma carta para Ellen White, mencionando, entre outras coisas, que Mary havia contraído uma tosse depois de ficar gripada (VALENTINE, 2019). Essa menção casual de uma tosse supostamente passageira seria apenas o primeiro sinal do fim trágico de Mary Andrews, pois sua saúde continuaria piorando conforme as semanas se estendiam.

Na ocasião da enfermidade de Mary, seu pai não estava presente, por estar em uma viagem em assuntos da Igreja. Quando voltou para casa brevemente (pois viajaria para a Itália pelos mesmos motivos) encontrou a menina prostrada e amuada em repouso. Ao vê-lo partir para a Itália, ela “ficou tão aflita que enterrou sua face no peito [do pai] e chorou violentamente”³ (VALENTINE, 2019, p. 764, tradução nossa). Percebendo que a saúde de sua filha se agravava cada vez mais, Andrews retornou aos Estados Unidos com Mary, onde a jovem foi tratada no Sanatório de Battle Creek, e essa tosse persistente diagnosticada posteriormente como um sintoma de tuberculose por John H. Kellogg (GRAYBILL, 1984). Ela voltaria para os Estados Unidos no dia 14 de setembro, chegando no Sanatório doze dias depois (VALENTINE, 2019). Seu caso foi tratado com zelo e prioridade, visto que Mary foi uma das duas primeiras pacientes do novo prédio do Sanatório, juntamente com Elizabeth Cross (MONTGOMERY, 1925).

Em Battle Creek, John informa à Mary que talvez precisaria deixá-la no Sanatório para voltar à Europa e continuar seu trabalho. Embora a adolescente parecesse compreender a princípio, a progressão da doença a deixou mais apreensiva. Sua avó lhe fazia companhia, porém, toda vez que seu pai a visitava, Mary parecia sentir sua falta,

³ She “was so affected, that she buried her face in my bosom and sobbed violently”.

comentando: “faz tanto tempo que você foi embora”⁴ (VALENTINE, 2019, p.770, tradução nossa). Mary se sentia sozinha, e ansiava pela presença do pai.

John Andrews não voltou para a Suíça, permanecendo ao lado de sua filha, que, em seus últimos dias, tomada pelos delírios da febre, aflição e ansiedade e sofrendo física e mentalmente, implorou para que o pai não a deixasse sozinha. No Sanatório, recordando que Angeline passou por uma situação similar, a adolescente confessa a ele que não sabia “como a mãe suportava que você a deixasse, como conseguia tê-lo longe dela por tanto tempo”⁵ (VALENTINE, 2019, p. 24, tradução nossa).

A saúde de Mary era uma preocupação significativa para a igreja. Os irmãos de Battle Creek organizaram inúmeras sessões de oração por sua recuperação, tal como fizeram para Angeline anos atrás. Em seus últimos dias, John, refletindo sobre a condição da filha, chegou a sugerir que talvez fosse a vontade de Deus que ela descansasse. A resposta da menina foi: “Eu tenho coragem, por que você não pode ter coragem?”⁶ (VALENTINE, 2019, p.771, tradução nossa). Para Mary, o comentário do pai demonstrava falta de fé. Ela sonhava em voltar para a Europa e revisar os textos franceses. Quando John mencionou a possibilidade outra vez, ela pediu que ele não tocasse no assunto, porque não queria se separar do pai. Uma noite, quando a menina pediu ao pai que não fosse embora outra vez, ele atendeu seu pedido e passou a madrugada do dia 27 de novembro com ela. Pai e filha fizeram uma oração às 4:30 da manhã para que Deus aliviasse seu sofrimento (ANDREWS, 1878). Posteriormente, ele entenderia que Deus atendeu a oração feita com a filha. Ao todo, Mary ficou doente por seis meses antes de descansar (VALENTINE, 2019).

Mary Andrews faleceu no dia 27 de novembro, aos 17 anos, de tuberculose. Ela foi sepultada ao lado de sua mãe no cemitério de Mount Hope. Embora a família tenha ficado pesarosa devido à perda, permaneceram firmes na esperança de reencontrá-la na vida eterna. Charles escreveu para seu pai: "Nossa separação será breve... e então, caso formos fiéis, veremos nossos amados... Portanto, pai, não se desanime... Oramos

⁴ “It has been so long that you have been gone”.

⁵ “I don’t see how mother could have you go away from her and be gone so long”.

⁶ “I have courage, why can’t you have courage?”

demasiadamente pelo senhor"⁷ (GRAYBILL, 1984, p.23, tradução nossa). Ellen White, em uma carta de consolo, disse:

Simpatizamos profundamente com você em seu intenso sofrimento, mas não lamentamos como aqueles que não têm esperança... Mary, amada e preciosa criança, está em repouso. Ela foi a companheira de suas tristezas e esperanças frustradas... Através do olhar perspicaz de fé, você pode antever... sua Mary com a mãe e outros membros de sua família respondendo ao chamado do Doador da Vida e saindo de sua prisão triunfando sobre a morte. ... O Senhor te ama, meu querido irmão. Ele te ama (GRAYBILL, 1984, p. 23, tradução nossa).⁸

E ainda:

Tu achas que se não fosse essa grande perda serias um homem relativamente feliz. Mas pode ser que a própria perda de tua filha neste mundo seja para ti, e não somente para ti mas para muitos na Suíça, algo que contribua para a salvação de pessoas. A luz irromperá dentre essas trevas que para ti às vezes se afiguram incompreensíveis (WHITE, 1878).

O funeral ocorreu na manhã de sábado, dia 30, na igreja de Battle Creek. O prédio estava repleto de familiares, amigos e membros, a ponto de não haver lugar para todos (AMADON, 1878). O pai de Mary fez um apelo à juventude presente na ocasião, pedindo que aprendessem com o exemplo, vida e fé de Mary (SMITH, 1878). Esta súplica fervorosa de um pai elutecido ecoa até os dias de hoje.

Conclusão

Em seus primórdios, a Igreja Adventista contou com muitas figuras essenciais para seu crescimento. Indivíduos dedicados e honestos que viveram suas vidas em prol de sua fé. Esses personagens, como Ellen e Tiago White, Urias Smith, Joseph Bates e John Andrews, foram pioneiros da Igreja, cujas histórias são contadas e preservadas até os dias de hoje. Contudo, o progresso da mensagem não é atribuído apenas a essas

⁷ "Our separation will be but short . . . and then, if faithful, we shall meet our loved ones... So, pa, don't feel discouraged... We pray much for you".

⁸ We deeply sympathize with you in your great sorrow, but we sorrow not as those who have no hope... Mary, dear precious child, is at rest. She was the companion of your sorrows and disappointed hopes... Through faith's discerning eye, you may anticipate... your Mary with her mother and other members of your family answering the call of the Life-giver and coming forth from their prison house triumphing over death... The Lord loves you, my dear brother. He loves you.

peessoas. O passado guarda inúmeros outros, menos conhecidos ou desconhecidos, que também contribuíram para o crescimento do adventismo. Tratando-se de Mary, pode-se observar que suas exímias habilidades linguísticas foram notadas em sua época e posteriormente por alguns personagens.

Enquanto auxiliava seu pai com o trabalho na editora francesa, um dos trabalhadores, Professor Aufranc, afirmou que Mary “fala francês como se fosse uma menina francesa”⁹ (SATELMAJER, 1986, p.13, tradução nossa). Além disso, era dito que ela era capaz de detectar erros gramaticais que nativos franceses não percebiam (GORDON, 1987).

Na ocasião de sua morte, Mary Martin escreveu um poema, posteriormente publicado na *Review and Herald*, comparando Mary Andrews à Mulher do Vaso de Alabastro de Mateus 26:6-13. As duas últimas estrofes do poema seguem:

“E assim como ‘o odor impregnou toda a casa’
Da jarra custosa tão alegremente rompida,
Também irá a fragrância desta jovem vida
Perdurar té que a vida infinda seja concedida.

Então tenha paciência, pobre coração, espere;
Pois um triunfo vem sobre a morte.
O encontro e a coroação se aproximam,
E, ó, que gozo isso trará para ti!”¹⁰ (MARTIN, 1879, p. 151, tradução nossa).

Na biografia de John Andrews, ao comentar sobre Mary, Valentine a descreve como uma “filha esperta e inteligente” que “dominou o francês muito bem” e cujas “habilidades linguísticas e editoriais, mesmo aos 16 anos, foram tão importantes para o sucesso dos empreendimentos evangelísticos [de seu pai], o *Les Signes des Temps*” (VALENTINE, 2019, p. 27, tradução nossa)¹¹.

Desde sua infância precoce até os anos finais marcados pela luta contra a tuberculose, Mary deixou um legado de coragem e fé inabalável. Esse legado foi homenageado 125 anos depois de seu nascimento, no dia 28 de setembro de 1986, quando foi erigido um memorial em seu local de sepultamento em estima por sua contribuição.

⁹ Mary "can speak French as though she were a French girl".

¹⁰ And as " the odor filled all the house"/ From the costly box so gladly riven,/ So shall the fragrance of this young life/ Remain till the endless life be given./ And then—have patience, poor heart, and wait;/ For there cometh o'er death a victory./ The meeting and crowning time is near,/ And oh, what bliss it will bring to thee!

¹¹ “This bright, intelligent daughter had mastered French so well, and her language and editorial skills, even at sixteen, were so important to the success of his evangelistic venture, *Les Signes des Temps*”.

Antes disso, seu cadáver se encontrava em um túmulo não marcado junto aos de sua mãe e irmã prematura. A descoberta de seu local de descanso só foi possível pela ajuda de irmãos da igreja de Rochester Bay Knoll (SATELMAJER, 1986).

A história de Mary Frances Andrews foi repleta de desafios, sacrifícios e dedicação à causa que abraçou. Sua vida foi entrelaçada com a missão de sua família, e ela se tornou uma peça fundamental na disseminação da mensagem adventista na Europa. Mesmo diante das adversidades linguísticas, domésticas e de saúde, Mary perseverou, tornando-se uma revisora dedicada e uma inspiração para aqueles ao seu redor.

As palavras de John Andrews quanto ao falecimento de sua filha resumem da melhor maneira a relação dos dois, tanto como pai e filha, quanto como missionários:

Na manhã de ontem, às quatro e meia, minha querida filha, Mary F. Andrews, adormeceu. Essa criança prestou-me grande ajuda na Europa e, quando nos deparamos com privações e necessidade, ela enfrentou tudo com uma coragem imbatível, paciência, fé e esperança. O que ela sofreu fez com que adormecesse por tuberculose. Ela sucumbiu na obra num momento em que seus serviços se tornaram de grande valor. Quem se levantará para ocupar seu lugar? (GORDON, 1987, p. 16-17, tradução nossa)¹²

As palavras de Andrews se repercutem até os dias atuais. É evidente que seu falecimento prematuro deixou uma lacuna não apenas no coração daqueles que a amavam, como também na missão europeia. No entanto, sua memória continua a ecoar como um testemunho de fé, esperança e amor. A história de Mary Andrews não é apenas uma perda, mas uma inspiração para continuar a obra missionária iniciada pelos Andrews anos atrás com a mesma coragem e convicção nos dias de hoje.

¹² “Yesterday morning at four-thirty my dear daughter, Mary F. Andrews, fell asleep. This child rendered me great assistance in Europe, and when we encountered privation and want, she met all with invincible courage and with patience, faith, and hope. What she suffered caused her to fall by quick consumption. She has fallen in the work at a time when her services had become of great value. Who is there that will rise up to take her place?”

Referências

- AMADON, George W. **Diário de George W. Amadon**. 30 de novembro de 1878.
- ANDREWS, John N. **Death of Sister Andrews**. *Review and Herald*. Vol. 39, No. 16, 2 de abril de 1872, p.124.
- ANDREWS, John N. **In Memory of Mary Andrews**. *Diário de John Andrews*. 1878. Center of Adventist Research.
- BYERS, Carolyn. **The First Missionary Kid**. *Mission 360°*. Vol. 1, No. 1, 2013, p. 30.
- CENTER FOR ADVENTIST RESEARCH. **The Andrews Family: Adventism's First Family of Missions – Virtual Exhibit**. *Andrews University*. Disponível em: <https://centerforadventistresearch.org/andrews-family-exhibit/>. Acesso em: 16/05/2024.
- COPIZ, Pietro E. **John N. Andrews: The Prince of Scholars**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.57-64.
- GORDON, Paul A. **Mary Andrews: Teenage Pioneer**. *Adventist Review*. Vol. 164, No. 22, 28 de maio de 1987, p.16-17.
- GORDON, Paul A.; MACLAUGHLIN, Beverly. **Biographical Sketches**. Harvest 90 Education Project. Julho, 1988, p.1-3.
- GRAYBILL, Ronald. **John N. Andrews: The Family Man**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.9-23.
- HASTINGS, Genevieve. **Our First Foreign Missionary Volunteer**. *The Youth's Instructor*. Vol. 69, No. 29, 19 de julho de 1921, p.13-14.
- MARTIN, Mary. **A Tribute**. *Review and Herald*. vol. 53, no. 19, 8 de maio de 1879, p. 151.
- MONTGOMERY, O. **Elizabeth Cross-Clark**. *Review and Herald*. Vol. 102, no. 37, 10 de setembro de 1925, p. 21-22.
- POUBLAN, G. **Centenaire de l'Englise adventiste em Europe: 1874-1974**. *Revue Adventiste*. No 11, novembro de 1974, p. 11.
- SMITH, Uriah. **Fallen Asleep**. *Review and Herald*. Vol. 52, No. 23, 5 de dezembro de 1878, p.180.
- SATELMAJER, Nikolaus. **A Memorial for A Teenage Adventist Pioneer**. *The Atlantic Union Gleaner*. 11 de novembro de 1986. No. 21, p.13.
- SMOOT, Joseph G. **John N. Andrews: Humblest Man in Our Ranks**. *Adventist Heritage*. Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.24-33.

VALENTINE, Gilbert M. **J. N. Andrews: Mission Pioneer, Evangelist, and Thought Leader.** *Pacific Press.* 2019.

WHITE, Edward E. **Euro-Africa.** *Review and Herald.* 1º de abril de 1976, p.26.

WHITE, Ellen G. **Luz Dentre as Trevas.** *EGW Writings.* 5 de dezembro de 1878
Disponível em: [https://egwwritings.org/read?panels=p1920.3908\(1920.3909\)&index=0](https://egwwritings.org/read?panels=p1920.3908(1920.3909)&index=0).
Acesso em: 16/05/2024.

ZURCHER, Jean. **John N. Andrews: The Christopher Columbus of Adventism.** *Adventist Heritage.* Primavera de 1984, vol. 9, no. 1, p.35-45.